FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 09/10/2023 - 05:59

Guerra escala em Israel; mortos em festa são 260

Parentes carregam corpos de crianças da família Abu Qata, mortas após ataque israelense em Rafah, em Gaza SAFA HAMDI/AFP

Hamas renova ataques; Israel planeja tirar civis da fronteira

Mortos dos dois lados passam de 1.100; Irã deu aval a ofensiva, diz jornal

SÃO PAULO Um dia depois de protagonizar o pior ataque sofrido por Israel em 50 anos, o Hamas continuou sua ofensiva neste domingo (8). Centenas de foguetes foram lançados a partir da Faixa de Gaza e atingiram casas, especialmente em cidades perto da fronteira, no sul. A facção palestina declarou ainda ter atacado o aeroporto internacional Ben Gurion.

Ouáldo de vítimas dessa nova investida era incerto. No total, mais de 1.100 já haviam morrerem de ambos os lados. Até a conclusão desta edição, eram 700 israelenses pela contagem oficial — não estava claro se os 260 corpos encontrados em uma rave faziam parte da lista. Os palestinos contabilizavam 413 mortes.

Enquanto isso, o governo israelense preparava uma operação para retirar milhares de civis de 24 localidades fronteiriças a Gaza e ao Líbano. Também estão previstas remoções no norte, na fronteira com o Líbano, que se tornou outro front depois do lançamento de foguetes pela facção Hizbullah, apoiada pelo Irã. A ação teve como alvo três postos militares nas Fazendas de Sheba, uma faixa de terra ocupada por Israel desde 1967 que os libaneses reivindicam como sua.

As forças israelenses responderam com ataques de artilharia e uma ofensiva de drones a um posto do Hizbullah próximo da fronteira. Não houve relatos de vítimas. A milícia libanesa surgiu em 1985 como um movimento de resistência a Israel, que aquela época ocupava o sul do Líbano.

Segundo o The Wall Street Journal, Teerã ajudou a planejar os múltiplos ataques iniciados no sábado (7). De acordo com membros do Hamas e do Hizbullah ouvidos pelo jornal, a Guarda Revolucionária iraniana aprovou a ofensiva em um encontro em Beirute no dia 2, e o plejamento estaria sendo feito desde agosto. O governo dos EUA disse não ter evidências do papel direto de Teerã, mas declarou que investigações estão em curso.

Se confirmada, o envolvimento iraniano torna ainda mais complexo o cenário para o premiê Binyamin Netanyahu, que neste domingo falou em um conflito "longo e difícil". Em busca de apoio internacional, Bibi, como é conhecido, conversou por telefone com líderes de países do Ocidente, como o americano Joe Biden, o britânico Rishi Sunak, o alemão Olaf Scholz e o ucraniano Volodimir Zelenski.

Após os serviços de inteligência terem sido pegos de surpresa, Tel Aviv afirmou que buscará eliminar "capacidades militares e de governo do Hamas e do Jihad Islâmico de uma forma que impedirá a sua capacidade e vontade de ameaçar e atacar os cidadãos de Israel durante muitos anos".

Também está em avaliação uma possível incursão por terra no enclave palestino, que seguia alvo de intensos bombardeios.

As autoridades israelenses também se veem diante de uma situação delicada ante os civis sequestrados por militantes do Hamas. De acordo com Tel Aviv, mais de cem pessoas foram feitas reféns. O número não foi confirmado pela facção palestina.

O chefe do grupo Jihad Islâmico, Ziad al-Nakhala, afirmou que manterem em cativeiro mais de 30 israelenses. Os reféns não serão repatriados "até que todos os nossos prisioneiros sejam libertados", disse al-Nakhala, referindo-se aos milhares de palestinos detidos no país vizinho.

Há estrangeiros entre os reféns levados para Gaza. O embaixador de Israel na ONU, Gilad Erdan, disse à Fox News que dezenas de israelenses capturados têm cidadania americana. Já a embaixadora no Reino Unido afirmou à Sky News que um cidadão britânico está em poder dos terroristas. Autoridades do México e da Alemanha disseram suspeitar que cidadãos de seus países também foram sequestrados.

Não se sabe se os três brasileiros desaparecidos — segundo a contagem do Itamaraty, fazem parte do grupo de reféns.

Já no Egito, dois turistas israelenses e um guia egípcio foram mortos a tiros na cidade de Alexandria, informou o Ministério das Relações Exteriores de Israel.

Na Faixa de Gaza, que concentra 2 milhões de palestinos, moradores relatam desespero sob os bombardeios israelenses. Ao menos 25 mil pessoas buscaram abrigo em escolas administradas pela UNWRA, agência das Nações Unidas que administra campos de refugiados na região.

Segundo a emissora qatari Al Jazeera, um bombardeio de Israel matou ao menos 22 membros de uma mesma família em Khan Younis, no sul do enclave palestino. Os membros da família Abu Daqqa estavam em suas casas quando foram atingidos pelos mísseis.

Diante da escalada do conflito, o papa Francisco se pôs ao fim da violência neste domingo (8), dizendo que o terrorismo e a guerra não resolveriam quaisquer problemas, mas apenas trariam mais sofrimento e morte a pessoas inocentes. "A guerra é uma derrota, apenas uma derrota. Rezemos pela paz em Israel e na Palestina."

Podem nos matar a qualquer momento, diz palestino em Gaza

SÃO PAULO Na Faixa de Gaza, os ataques de Israel continuavam neste domingo (8). O palestino Refaat Alareer, morador de Gaza, disse à Folha que os bombardeios vêm atingindo a infraestrutura do enclave palestino, danificando ruas, hospitais e redes de água e luz.

"A situação é grave, com escassez de recursos básicos como água, eletricidade e o risco de perder acesso à internet. Israel atingiu vários prédios residenciais e comerciais, incluindo locais onde as pessoas buscavam abrigo", afirmou Alareer, 44, que é professor universitário e pai de duas meninas.

"Nós esperamos pelo pior. Não temos nada a perder e podemos ser mortos por Israel a qualquer momento", acrescentou. **Dani Avelar**

Será um trauma eterno a Israel, afirma brasileira em Tel Aviv

SÃO PAULO Daniela Kresch, jornalista correspondente do Instituto Brasil-Israel na cidade em Tel Aviv, disse que a situação em Israel ainda era tensa neste domingo, ainda que sem os massacres do Hamas registrados na véspera. Segundo ela, não havia confirmação de que todos os terroristas do Hamas que infiltraram o território haviam sido mortos ou presos, gerando temor de novos atentados.

"Provavelmente esses terroristas que ainda estão circulando, se é que ainda estão algum, estão circulando mais pelo sul de Israel. Mas isso não quer dizer que eu não esteja com medo, não? Todo mundo que eu conheço está com medo", diz Kresch. "É um clima de luto, desespero e frustração. Vai ser um trauma eterno para Israel." **DA**

Riscos tornam invasão de Gaza pesadelo militar e político para Tel Aviv

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO O premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, afirmou neste domingo (8) que já começou os preparativos para as "operações ofensivas" da guerra que declarou após o ataque surpresa do grupo palestino Hamas, ocorrido na véspera.

Politicamente, ele não tem alternativa. A ação militar dos extremistas que comandam a Faixa de Gaza sob bloqueio desde 2007 pode não ter trazido o risco existencial que os três primeiros dias de avanços árabes na Guerra do Yom Kippur em 1973, mas impactou de forma muito semelhante a psiquê nacional israelense.

Por óbvio, a guerra pode fortalecer o premiê neste primeiro momento, e é nele que as decisões mais importantes estão na mesa. Uma invasão terrestre de Gaza, como a retirada de civis de 24 cidades no entorno da região sugere, parece iminente.

Nos 16 anos em que Israel tornou o território uma panóptima prisão na prática, nos dos líderes do Estado Judeu evitaram este momento. Para ficar no registro da cultura pop, basta assistir à série israelense "Fauda" (Netflix), na qual até os mais duríssimos agentes de inteligência sabem que Gaza é "off limits".

Há um motivo para isso. Gaza é um pesadelo para qualquer planejador militar. Nas maiores operações anteriores contra o Hamas, como em 2014, o grosso do serviço foi feito pelo ar, com os potentes caças americanos à disposição de Israel. Eram ações chamadas sem desassombro na mídia do país de "cortar grama", já que novas lideranças hostis seguiriam surgindo.

Em solo, trata-se de um terrifiório de difícil navegação, com ruas estreitas, infraestrutura urbana precária e infinitas possibilidades de pontos de emboscada. É evidente que o Hamas se preparou para isso, sabendo que a ação terrorista e militar do sábado talvez fosse incontornável do ponto de vista de resposta.

A crapa de bombardeio já começou, ainda não com intensidade máxima, no sábado mesmo. O banho de sangue de chefe é inestável, já que Gaza tem uma complexa rede de túneis para uso militar, mas não abrigos para seus 2,3 milhões de habitantes, o que poderá alterar o balanço do apoio internacional a Israel.

Ninguém vai mudar de lado em um dos temas internacionais que mais despertam paixões, claro, mas as nuances pró-Israel vistas no discurso turco e na moderação dos agora quase amigos sauditas, para não falar na sempre mais pró-Palestina Europa, podem ser revertidas se Bibi pesar a mão.

Sob a ótica interna, o primeiro-ministro sabe que um ataque por terra trará muitas baixas, e há a questão do número incerto de civis e soldados que foram sequestrados pelo Hamas no sábado. Aqui, a inteligência que fracassou em antecipar a ação será posta novamente à prova.

Por fim, há o risco de que uma ação brutal em Gaza esimule reações em outros pontos. Por ora, nada que sugira uma guerra regional maior, mas é um risco claro e, no mínimo, a turbulência joga muita areia no processo de normalização de laços de Tel Aviv com a vizinhança árabe.

Os interesses do Irã são conhecidos e passam pelo fim do namoro entre Israel e a Arábia Saudita, promovido pelos EUA. Os instrumentos, também: Hamas, Jihad Islâmica, Hizbullah e outros grupos menores.

Outras potências, como a Rússia envolvida na guerra civil síria e a China, de olho em espaços regionais ocupados por Riad e Teerã, também acompanham com atenção o desenrolar da crise, embora com o contexto da Guerra Fria 2.0 contra os EUA que as move.

Isso dito, se a excepcionalidade do sábado demanda ação, nenhuma das opções militares à mão dos israelenses é boa, e os riscos políticos, altos. Tudo isso é resultado da anomalia que é Gaza, responsabilidade de todos os lados à parte: de Israel, do Hamas, da Autoridade Nacional Palestina, do mundo ensaqual mano e do Ocidente.

Compare Israel e o Hamas

	Israel	Hamas
Efetivo	196 mil ativos; 465 mil reservistas	Cerca de 20 mil
Arsenal	**Tanques**: 400 Merkava 4; + 900 tanques em reserva imediata	**Mísseis de curto alcance**: • Número inserto de modelos Qassam e Fadjr
	Blindados: 1.190	**Defesa aérea**: • Modelos portáti 9K11 Mailutka
	Artilharia/lançadores de mísseis: 530	**Outros**: • Mísseis balísticos de curto alcance Ayyash-250; • Mísseis anticarroque Kornet
	Defesa aérea: 65 lançadores (Pariot, David's Sling e Iron Dome)	
	Navios costeiros: 49	
	Submarinos diesel-elétricos: 5	
	Aviões de combate: 345 (315 caças)	
	Helicópteros de ataque: 43	
	Ogivas nucleares: 90	

US$ 19,4 bi (4,3% do PIB) é o Orçamento militar de Israel (2022)

Fontes: Instituto Internacional de Estudos Estratégicos e Federação dos Cientistas Americanos

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 9

Copyright © Clipclap 2025.